

Mário Glória

ESPECIAL PARA O ESTADO

Ao entrarmos na sala expositiva principal da Casa Triângulo, há um certo tom futurista no ar. "Acho que todos os trabalhos têm um ar sci-fi", comenta o artista paulistano Rodolpho Parigi, que, aos 40 anos, faz a primeira exposição individual em sua nova galeria, após uma década sendo representado pela marchande Nara Roesler.

"Dez anos é muita coisa. Precisa de novas relações, novos desafios", conta ele, um darling do circuito de São Paulo e que, ao mesmo tempo, pode festejar os dez anos da aparição bombástica no meio, com outros sete amigos pintores, no que ficou conhecido como o coletivo 2000el. Numa continuação rara, sete deles tem participação destacada tanto em mostras institucionais como em galerias - Marcos Brias mudou para a Alemanha e se dedica à literatura.

"Desde o início, a pintura de Rodolpho Parigi é algo difícil de descrever. Entre figurativa e abstrata, ou as duas juntas, apresentam-se aos olhos de maneira estridente, com superfícies hiperativas, vibrantes, desafiando qualquer perspectiva e não oferecendo descanso ao olhar", escreve Ivo Mesquita (ex-Bienal de São Paulo e Pinacoteca do Estado), que assina o texto crítico a respeito de *Son Titulo*, a individual de Parigi.

Na sala maior, duas grandes telas dominam o espaço - *La Dunce*, de 2,90 m x 5 m, tomou cinco meses de trabalho no ateliê de Parigi, na Aclimação. A outra, *The Song of Love*, de 2 m x 5,56 m, teve um pouco menos de dedicação, quatro meses. Em ambas, há fragmentos, sobreposições, figuras pouco reconhecíveis, camadas. E muita estranheza.

"São dois trabalhos com muita discussão pictórica. Lidar com o óleo, fazer os fundos, não estar satisfeito com resultados rápidos, as influências de Picasso e De Chirico, entre outros, para iniciar a composição", diz o artista. "Agora estou numa fase em que fiquei satisfeito com os resultados, que demoraram mais", conta.

Além das pinturas de grande dimensão, há uma série de "en-

tranhas", em que o artista explora um tratamento mais planificado às superfícies e cores de escala mais "artificial", como *Visier Volumen*; aquarelas sobre papel, também de tamanho generoso, como *Kosmos Wig*; e peças mais monocromáticas, como a já exibida série *Black Nazu-quin Bottaire*, esta colocada na sala menor da Casa Triângulo.

**Em grupo.** Não formam um grupo, no sentido de possuírem objetivos previamente traça-

dos, mas amigos e interlocutores buscando afinidades e afinando as diferenças", escreveu Paulo Pasta, mentor de grupo, à época, em 2008. Ex-professor de pintura na Faap, ajudou a colocar na rota do mercado e dos centros culturais novamente, com força, a pintura contemporânea. "Só posso dizer que muito me orgulho de todos. Revelaram-se profissionais sérios, artistas muito competentes e talentosos, vindo de fato a tornarem-se a nova e mais expressiva

geração de pintores atuantes", afirma Pasta hoje.

"Não era um coletivo como outros, de autoria compartilhada etc. Nos unimos para mostrar os trabalhos, éramos amigos de faculdade", avalia Rodrigo Rivar, 37 anos, que ganhará no mês que vem nova individual na galeria Millan. Rivar mudou bastante dos anos iniciais e hoje opta pela abstração. "É uma pintura mais direta, menos narrativa e até com um leve humor, que havia no início da



## A geração que deu certo

**Amigos.**  
Ana Elisa  
Egreja,  
Parigi e  
Regina  
Parra

Rodolpho Parigi, Ana Elisa Egreja e Regina Parra são três dos talentos apontados pelo *Caderno 2* há dez anos

minha produção."

Regina Parra, 37 anos, talvez seja a que tenha uma produção mais multidisciplinar, com obras em vídeo e tridimensional, entre outros suportes. "Mesmo nos meus trabalhos mais iniciais, já apontava para uma conversa com outras linguagens. Acho que sempre duvidei da ideia de pureza na pintura (ou em qualquer outra linguagem)."

Regina e Parigi coordenam um grupo de estudos exclusivo para pintura, com 30 participantes. "Tem me renovado muito e sido essencial", diz Parigi. "É um exercício constante de questionamento e provocação. Quando nós levantamos questões sobre os trabalhos dos alunos, parte desse questionamento acaba sendo para nós mesmos. Como se nos colocássemos em dúvida o tempo todo", afirma Regina, artista representada pela Millan.

Para Bruno Dunley, 33 anos, representado pela Nara Roesler, o momento atual é de otimismo. "A pintura na São Paulo de 2018 é mais plural e encarada com muita vitalidade, talvez justamente pelo fato de existir mais gente pintando. Internet e Instagram também são fenômenos e ferramentas que influenciam muito toda essa pintura", avalia ele.

Ana Elisa Egreja, 34 anos, da Leme, pode ser a considerada mais "fiel" ao suporte. "Minha pesquisa seguiu bem linear nesses anos. Até hoje pinto temas que me interessavam desde as primeiras telas, como interiores e naturezas mortas", conta ela. "Mas fui ficando cada vez mais exigente com a representação na pintura. Nos meus últimos trabalhos, montei todos os cenários nos ambientes para depois pintá-los." E Renata de Bonis, 33 anos, continua a pintar, mas tem desdobrado a produção por objetos e esculturas. Alguns deles podem ser vistos na SP-Arte, no estande da galeria Marília Razuk.

**RODOLPHO PARIGI**

**Casa Triângulo.**  
Rua Estados Unidos, 1.324,  
telefone 3187-5621. 2ª a sáb.  
10h/19h. Até 12/5.

Newspaper: O Estado de São Paulo – Caderno 2  
Date: April 15th 2018  
Author: Mario Gioia

## The generation that succeeded

### Rodolpho Parigi, Ana Elisa Egreja and Regina Parra are three of the talents appointed by Caderno 2 ten years ago

As we enter the main exhibition hall of the Casa Triangulo, there is a certain futuristic tone to the air. “I think all works have a sci-fi feel,” says São Paulo artist Rodolpho Parigi, who, at the age of 40, makes his first solo exhibition in his new gallery after a decade of being represented by the dealer Nara Roesler.

“Ten years is a lot. I needed new relationships, new challenges” he says, a Darling from the São Paulo circuit and who, at the same time, can celebrate the ten years of bombastic apparition in the field, with other painter friends, in what became known as the **2000e8 collective**. In a rare sequel, seven of them have featured prominently in both institutional exhibitions and galleries - Marcos Brias moved to Germany and devoted himself to literature.

“From the beginning, Rodolpho Parigi's painting is hard to describe. Between figurative and abstract, or both together, they are strident to the eye, with hyperactive, vibrant surfaces, defying any perspective and offering no rest to look at” writes Ivo Mesquita (former São Paulo Biennial and Pinacoteca do Estado), who signs the critical text on “Untitled,” Parigi's solo.

In the larger room, two large canvases dominate the space - *La Danse*, 2.90m x 5m, took five months of work at the Parigi studio in Aclimação. The other, *The Song of Love*, 2m x 5.56m, had a little less dedication, four months.

In both there are fragments, overlaps, unrecognizable figures, layers. And a lot of weirdness.

“These are two works with a lot of pictorial discussion. Dealing with oil, making backgrounds, not being satisfied with quick results, the influences of Picasso and De Chirico, among others, to start the composition” says the artist. “Now I'm at a stage where I am pleased with the results, which took longer” he says.

In addition to the large-scale paintings, there is a series of “guts” in which the artist explores a more flattened treatment of more “artificial” scale surfaces and colors, such as *Violet Volumen*; generously sized paper watercolors such as *Kusama Wig*; and more monochromatic pieces, such as the already exhibited *Black Nanjing Bestiaire* series, are placed in the smaller room of the Casa Triângulo.

**In Group.** “They are not a group in the sense that they have previously set goals, but friends and interlocutors seeking affinities and affirming differences,” wrote Paulo Pasta, the group's mentor at the time, in 2008. Former Faap painting teacher helped put the route of the market and the cultural centers back, with force, the contemporary painting. “I can only say that I am very proud of everyone. They turned out to be serious professionals, very competent and talented artists, in fact becoming the new and most expressive generation of painters” says Pasta today.

“It was not a collective like others, shared authorship, etc. We came together to show the work, we were college friends” says Rodrigo Bivar, 37, who will have next month a new solo show at the Galeria Millan. Bivar has changed a great deal from the early years and today opts for abstraction. “It's a more direct, less narrative, and even slightly humorous painting that was at the beginning of my production.”

**Regina Parra**, 37, is perhaps the one with a more multidisciplinary production, with video and three-dimensional works, among other media. “Even in my early work, I already pointed to a conversation with other languages. I think I've always doubted the idea of purity in painting (or any other language).”

**Regina** and Parigi coordinate a study group exclusively for painting, with 30 participants. “It has renewed me a lot and been essential,” says Parigi. “It is a constant exercise of questioning and provocation. When we raise questions about student work, part of that question turns out to be for ourselves” says **Regina**, an artist represented by Galeria Millan.

For Bruno Dunley, 33, represented by Nara Roesler, the current moment is optimistic. “Painting in São Paulo in 2018 is more plural and viewed with more vitality, perhaps precisely because there are more people painting. Internet and Instagram are also phenomena and tools that greatly influence all this painting” he says.

Ana Elisa Egreja, 34, from Leme, may be considered the most “loyal” to painting. “My research has been very linear over the years. To this day I paint themes that mattered from the earliest screens, such as interiors and still lifes,” she says. “But I got more and more demanding with the representation in painting. In my last works, I set up all the scenarios in the environments and then painted them”. And Renata de Bonis, 33, continues to paint, but has been developing the production by objects and sculptures. Some of them can be seen at SP-Arte, at the Marilia Razuk gallery booth.



## VERISSIMO

LUIZ FERNANDO VERISSIMO  
ALBERTO PEREIRA DE AZEVEDO

## Alcouceiras, vulgivas e zabaneiras

**E**u ainda sou do tempo do "randevu". Era como se chamavam os que seriam, tecnicamente, lugares para encontros - do francês "rendez-vous" - mas eram mesmo lupanares, casas de tolerância, prostíbulos. E só eu já não mais três tempos que também envelheciram, se

hem que nenhum tanto quanto "randevu".

Tudo o vocabulário do comércio do sexo envelheceu. Ele já tinha um tom meio antigo mesmo quando era corrente: meretrício, proxenetismo, rufianismo... Com o tempo e com a revolução sexual, as palavras fica-

ram obsoletas. As atividades a que se referiam continuam, claro, mas seus nomes hoje soam como relíquias de outra época, como "cabriolé" ou "fooring" (sim, eu ainda sou do tempo do "fooring").

"Carota de paguma" é um termo relativamente recente. Não é exatamente um eufemismo porque o "programa" não envolve, necessariamente, excelsos europeus e americanos, mas os que fazem bonito como acompanhantes, ajudam a fechar negócios ou simplesmente emprestam um ombro madio para o executivo se lamuriar. Se rola o negócio depende do serviço contratado, mas ninguém se chamaria de rameiras, murais, miche, mu-

lheres da vida, quengas, perdidas, decaídas, alcouceiras, vulgivas, zabaneiras ou à toa.

Lembra da "Cafetina Capixaba"? Era uma brasileira que estranjava acompanhantes para homens importantes, como um governador de Nova York que acabou tendo que renunciar, e, segundo se dizia, tinha "gente" desde que a bossa nova chegou aos Estados Unidos, nenhum brasileiro tinha influenciado tanto a vida americana quanto a Cafetina Capixaba. E ela trouxe de volta ao nosso convívio outro nome antigo para uma atividade sexual: "café", de onde vem "cafetina", e não passei de uma vaga referência ao lunfardo argentino, possivelmente um caminho falso.

Me lembrei da Cafetina Capixaba porque ainda não apareceu nada parecido com ela nos nossos escândalos de cada dia e nas revelações sobre nossos corruptos. Acho que a nossa americanização chegou a esse ponto, nunca se virá um político brasileiro anunciando sua renúncia por causa de uma escapada sexual flagrada, com a esposa estocicamente solidária ao seu lado. Uma cena que, nos Estados Unidos, já adquiriu a previsibilidade de um ritual. E em nenhum dos nossos escândalos alguém teve que dar explicações sobre um caso do passado como o de Donald Trump e a flamante Stormy Daniels.

Uma dedução inescapável é que nossos corruptos não têm vida sexual.

## Visuais 14ª SP-Arte

Mario Glória  
ESPECIAL PARA O ESTADO

Ao entrarmos na sala expositiva principal da Casa Triângulo, há um certo tom futurista no ar. "Acho que todos os trabalhos tem um ar sci-fi", comenta o artista paulista Rodolpho Parigi, que aos 33 anos, faz a primeira exposição individual em sua nova galeria, após uma década sendo representado pela marchande Nara Roesler.

"Der anos é muita coisa. Precisa de novas relações, novos desafios", conta ele, um darling do circuito de São Paulo e que, ao mesmo tempo, pode festejar os dez anos da aparição bombástica no meio, com outros sete amigos pintores, no que ficou conhecido como o coletivo 2008. Numa continuação rara, sete deles tem participação destacada tanto em mostras institucionais como em galerias - Marcos Brito mudou para a Alemanha e se dedica à literatura; "Desde o início, a pintura de Rodolpho Parigi é algo difícil de descrever. Entre figurativa e abstrata, ouse duas juntas, apresentam-se aos olhos de maneira estridente, com superfícies hiperativas, vibrantes, desafiando qualquer percepção e não oferecendo descanso ao olhar", escreve Ivo Mesquita (ex-Bicinal de São Paulo e Pinacoteca do Estado), que assina o texto crítico a respeito de *Sent Título*, a individual de Parigi.

Na sala maior, duas grandes telas dominam o espaço - *La Danse*, de 2,90 m x 3 m, tomou cinco meses de trabalho no ateliê de Parigi, na Aclimação. A outra, *The Song of Love*, de 2 m x 5,60 m, teve um pouco menos de dedicação, quatro meses. Em ambas, há fragmentos, sobreposições, figuras pouco reconhecíveis, camadas. É muita estranheza.

"São dois trabalhos com muita discussão pictórica. Lidar com o óleo, fazer os fundos, não estar satisfeito com resultados rápidos, as influências de Picasso e De Chirico, entre outros, para iniciar a composição", diz o artista. "Agora estou numa fase em que fiquei satisfeito com os resultados, que demoraram mais", conta.

Além das pinturas de grande dimensão, há uma série de "en-



## A geração que deu certo

Rodolpho Parigi, Ana Elisa Egreja e Regina Parra são três dos talentos apontados pelo Caderno 2 há dez anos

tranhas", em que o artista explora um tratamento mais planejado às superfícies e cores de escala mais "artificial", como *Violet Volume*; aquelas sobre papel, também de tamanhos generosos, como *Kusama Wig* e peças mais monocromáticas, como a já exibida série *Black Non-quit Reaire*, esta colocada na sala menor da Casa Triângulo.

**Em grupo.** Não formam um grupo, no sentido de possuírem objetivos previamente traça-

dos, mas amigos e interlocutores buscando afinidades e afinando as diferenças", escreveu Paulo Pasta, mentor de grupo, à época, em 2008. Ex-professor de pintura na Faap, ajudou a colocar na rota do mercado e dos centros culturais novamente, com força, a pintura contemporânea. "São posso dizer que muito me orgulho de todos. Revelaram-se profissionais sérios, artistas muito competentes e talentosos, vindo de fato a tornarem-se uma mais expressiva

geração de pintores atuantes", afirma Pasta hoje.

"Não era um coletivo como outros, de autoria compartilhada etc. Nos unimos para mostrar os trabalhos, éramos amigos de faculdade", avalia Rodrigo Bivar, 37 anos, que ganhará no mês que vem nova individual na galeria Millan. Bivar mudou bastante dos anos iniciais e hoje opta pela abstração. "É uma pintura mais direta, menos narrativa e até com um leve humor, que havia no início da

minha produção."

Regina Parra, 37 anos, talvez seja a que tenha uma produção mais multidisciplinar, com obras em vídeo e tridimensional, entre outros suportes. "Mesmo nos meus trabalhos mais iniciais, já apontava para uma conversa com outras linguagens. Acho que sempre duvidei da ideia de pureza na pintura (ou em qualquer outra linguagem)."

Regina e Parigi coordenam um grupo de estudos exclusivo para pintura, com 30 participantes. "Tem me renovado muito e sido essencial", diz Parigi. "É um exercício constante de questionamento e provocação. Quando nós levantamos questões sobre os trabalhos dos alunos, parte desse questionamento acaba sendo para nós mesmos. Como se nos colocássemos em dúvida o tempo todo", afirma Regina, artista representada pela Millan.

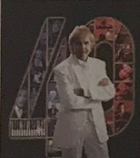
Para Bruno Dunley, 33 anos, representado pela Nara Roesler, o momento atual é de otimismo. "A pintura na São Paulo de 2018 é mais plural e encaráda com muita vitalidade, talvez justamente pelo fato de existir mais gente pintando. Internet e

nos e ferramentas que influenciam muito toda essa pintura", avalia ele.

Ana Elisa Egreja, 34 anos, da Leme, pode ser a considerada mais "fiel" ao suporte. "Minha pesquisa seguiu bem linear nesses anos. Até hoje pinto temas que me interessavam desde as primeiras telas, como interiores e naturezas-mortas", conta ela. "Mas fui ficando cada vez mais exigente com a representação na pintura. Nos meus últimos trabalhos, montei todos os cenários nos ambientes para depois pintá-los." É Renata de Bontis, 33 anos, continua a pintar, mas tem desdobrado a produção por objetos e esculturas. Alguns deles podem ser vistos na SP-Arte, no estande da galeria Marília Ranzini.

**RODOLFO PARIGI**  
*Casa Triângulo*,  
Rua Estados Unidos, 1324,  
telefone 3167-5621, 2ª a sáb.  
10h/19h. Até 12/5.

**Amigos.**  
Ana Elisa  
Egreja,  
Parigi e  
Regina  
Parra

RICHARD  
CLAYDERMAN  
& ENSEMBLE DE CORDAS17 DE ABRIL  
TOM BRASILPOLADIAN  
PRODUCTIONS

www.polidian.com.br

Tom Brasil

## O que determina a cotação de obras de jovens artistas?

Galeristas presentes na SP-Arte explicam quais são os principais fatores para definir o preço de quem está começando

Pedro Rocha  
ESPECIAL PARA O ESTADO

Se o conceito de uma obra de arte é subjetivo, muito mais é seu valor no mercado. A pedido do Estado, alguns galeristas presentes na 14ª edição da SP-Arte explicam os principais critérios para definir o preço de obras de jovens artistas na feira.

Nesta edição, um dos nomes mais fortes entre os estreantes foi Giovanni Caramello, de 27 anos, artista paulista que trabalha com esculturas realistas em

3D. As cinco obras levadas para a feira pela OMA, galeria que tem como proposta trabalhar com jovens artistas, foram vendidas já nos primeiros dias. O preço médio foi de 30 mil reais. Segundo o proprietário da galeria, Thomas Pacheco, ao menos cinco fatores são determinantes na escolha desse valor.

"Sempre digo que o mercado é composto de vários endossos: o colecionador, a mídia, o institucional (museus), as galerias e o próprio público, ao aceitar o artista", explica. "A coisa só se solidifica quando todos estes fatores são preenchidos."

O preço inicial da obra vem de quanto custou para ser produ-

zida. "Embora Giovanni seja jovem, participou no ano passado de uma residência artística na Alemanha, um projeto periférico da Documenta de Kassel, e teve uma obra adquirida no país", esclarece Pacheco, que acredita que, após esta primeira participação de Caramello na SP-Arte, seu trabalho deve ganhar uma valorização. "A feira é um marco. Recebemos aqui o convite de uma curadora. A partir disso, podemos justificar uma elevação no preço."

"O que dá o preço do artista é o currículo dele", opina Ricardo Rinaldi, da Emmothomas Gallery. Na feira, a galeria levou um painel de cinco metros do mineiro Alan Fontes, por R\$ 66 mil. "Alan tem uma carreira recente, mesmo com o tamanho do quadro não podemos cobrar



Criador. Caramello, na SP-Arte, com uma de suas obras

um preço absurdo", afirma. "Estamos ainda pelo preço de custo, quanto o artista gasta de tempo e de material, e tentamos chegar próximo dos valores de mercado."

Segundo Alexandre Gabriel, da galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, o preço para artistas iniciantes pode ser definido também por comparação. "Existe o custo de produção, o custo da

galeria e existe também o custo de mercado", explica. "O preço inicial de um artista jovem se baseia por outros já existentes, com pesquisa e comparação com trabalhos semelhantes no mercado."

Redes sociais, apesar de poderem popularizar os artistas, ainda não são fator determinante, acredita Gabriel. "Influência, mas não é uma base sólida."